

## O POVOADO CALCOLÍTICO DO PARAÍSO (ELVAS, ALTO ALENTEJO) NOTÍCIA DA SUA IDENTIFICAÇÃO

Rui MATALOTO<sup>1</sup>  
Catarina COSTEIRA

### RESUMO

As intervenções de emergência na área da Horta do Paraíso (Elvas) para avaliar os danos provocados pelo início dos trabalhos de urbanização, permitiram identificar um conjunto de estruturas (maioritariamente negativas) e materiais arqueológicos genericamente enquadrados entre os finais do IV<sup>o</sup> e meados do III<sup>o</sup> milénio a.C. Pretendeu-se inserir esta ocupação na rede de povoamento das primeiras sociedades camponesas na bacia média do Guadiana.

### ABSTRACT

The emergency excavation carried out in the area of Horta do Paraíso (Elvas), in order to evaluate the damage caused by construction work, revealed an assemblage of structures (primarily the negatives structures) and archaeological material that loosely belong to the period between the end of the 4th and middle of the 3rd millennium BCE. This article will discuss this site within the larger network of settlements during the first rural societies in the middle basin of the Guadiana River.

### IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO E PRIMEIRAS INTERVENÇÕES

O sítio do Paraíso foi identificado na sequência de trabalhos de urbanização na área da horta homónima, que implicaram a substituição do antigo muro de propriedade por uma estrutura de betão para a sustentação de terras, tornando visível ao longo do corte, mas de modo intermitente, estratos com materiais pré-históricos e estruturas negativas. Este facto, constatado por Anaísa Mexia e comunicado à Extensão Crato, do IGESPAR, associado à eminência de mais acções destrutivas, conduziram ao desenvolvimento de trabalhos arqueológicos com o objectivo de caracterizar a ocupação pré-histórica do sítio.

### ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

O sítio arqueológico do Paraíso localiza-se no concelho de Elvas, na actual área de expansão urbana da cidade, com as seguintes coordenadas UTM: 29660582E e 4305163N, na Carta Militar 1:25 000 – 414 (figura 1).

O povoado abrange a área da antiga quinta e horta do Paraíso, o que acaba por somar vários hectares (figura 2). Este facto acabou por resultar em profundas alterações na topografia do local, e consequentemente na estratigrafia pré-histórica. Na área da horta, onde se concentraram os trabalhos, verificou-se uma profunda alteração da morfologia do terreno devido à construção de socacos e níveis de aterro, de modo a favorecer a irrigação das áreas de cultivo, o que acabou por condicionar bastante a percepção da topografia pré-histórica e a conservação dos seus contextos.

Na área da Quinta do Paraíso, no outro lado da rua, as alterações à topografia original foram ainda mais profundas, levadas a efeito durante as obras de construção de uma extensa urbanização, o que acabou por conduzir à total destruição, sem qualquer registo, de amplas áreas do povoado.

<sup>1</sup> Município de Redondo; [rmataloto@gmail.com](mailto:rmataloto@gmail.com); Arqueóloga; [catarinacosteira@gmail.com](mailto:catarinacosteira@gmail.com)

Todavia, é ainda hoje possível compreender que o povoado do Paraíso se instalava de um e outro lado de uma pequena linha de água, na actualidade apenas perceptível pelo leito fóssil, num extenso patamar destacado (altitude 260 m) sobre as férteis planícies da bacia do rio Caia. Os recursos naturais disponíveis (abundância de água e elevada capacidade agrícola dos solos envolventes) permitiram uma ocupação estável de comunidades humanas.

Os estratos pré-históricos apresentam uma altimetria bastante variável, acompanhando, e escavando, um substrato geológico igualmente irregular. Efectivamente, terá sido o facto deste substrato se elevar de modo significativo face à altimetria da rua actual que terá facilitado a identificação do povoado pois, escassos metros a Oeste e Este da área onde procedemos à limpeza do corte do Sector I, os estratos pré-históricos encontravam-se abaixo da cota da rua actual, sob vários metros de acumulações recentes.

#### TRABALHOS DE CAMPO E LEITURA ESTRATIGRÁFICA

As intervenções arqueológicas realizadas foram sempre num contexto de emergência, tendo consistido, essencialmente, em trabalhos de limpeza de cortes, com a definição dos contornos de várias unidades estratigráficas e escavação do enchimento de estruturas negativas, nas áreas a afectar pela construção de habitações, não tendo sido possível até ao momento a execução efectiva de uma escavação em extensão e profundidade que permita avaliar devidamente a sequência de ocupações detectadas e a diacronia das mesmas. Neste sentido, todas as leituras sobre o local nos surgem, ainda, particularmente truncadas, sendo absolutamente preliminares.

Em todo o caso, as mesmas, ainda que muito pontuais e parcelares, permitem ter já alguma segurança sobre a grande área abrangida pelo povoado, e pela importante e longa sequência estratigráfica ainda conservada.

Os dois sectores onde se interveio, na horta e quinta do Paraíso, encontram-se distanciados pelo menos 100m, o que nos dá uma ideia mais clara da ampla área abarcada pelos vestígios (figura 3).

#### SECTOR I

Os trabalhos iniciaram-se no Sector I com o “corte da estrada”, justamente aquele que conduziu à identificação do sítio, por ser onde as ocupações antigas do local se encontravam mais claramente patentes, tendo ficado expostas após o recuo do talude por acção mecânica. Seleccionada a área prioritária, procedeu-se à limpeza e ligeiro recuo de um segmento do corte com 9 m de comprimento por 2,30 m de altura (com uma orientação genérica E – O), seguida da escavação parcial das unidades de enchimento de três estruturas negativas (fossas) de maiores dimensões (figura 4).

As unidades estratigráficas identificadas apresentam uma matriz cascalhenta de calcário e uma textura argilosa, as de coloração castanha avermelhada, com elementos orgânicos relacionam-se com a ocupação recente do sítio, as de tonalidade cinzenta escura caracterizam, em geral, os níveis de ocupação pré-históricos, distinguindo-se das cinzentas mais claras, que constituem, principalmente, o enchimento das estruturas negativas (figura 5).

As unidades estratigráficas [1], [17], [18] e [19], relacionadas com momentos de ocupação mais recentes, foram sumariamente analisadas sendo, no entanto, pertinente referir que as suas características as distinguem completamente das unidades pré-históricas.

A unidade estratigráfica [2] apresenta uma grande extensão, prolongando-se por grande parte do corte, o que poderá derivar mais da dificuldade da sua subdivisão na vertical do que da sua real extensão.

As estruturas escavadas na rocha [8], [16] e [26], de diversa entidade visível, apresentam genericamente um perfil em U, contendo nos seus enchimentos (UE's [6], [7], [15] e [25]) abundantes materiais cerâmicos fragmentados e restos de fauna.

A análise deste corte estratigráfico permite observar a sobreposição de estruturas negativas [14] e [16], e a existência de níveis de ocupação sobre as unidades de colmatação de algumas destas, o que é evidente no caso da U.E. [4], onde uma unidade caracterizada pela frequência do barro de revestimento sobrepõe, claramente, a fossa [8]. Este facto parece indicar que estamos perante um sítio com alguma diacronia de ocupação.

Na sequência desta intervenção considerou o IGESPAR pertinente a realização de algumas sondagens mecânicas com acompanhamento arqueológico nas áreas directas de afectação das futuras construções da urbanização da Horta do paraíso, de modo a determinar a altimetria conservada dos estratos pré-históricos. Todavia, por motivos vários, foram realizadas quatro sondagens mecânicas sem o devido acompanhamento.

Deste modo, a segunda fase dos trabalhos limitou-se à limpeza e registo dos perfis das quatro sondagens mecânicas de perfil em "V" relativamente aberto, com cerca de 10 m de comprimento, e 2,5 a 3 m de largura (figuras 3 e 6).

As unidades estratigráficas identificadas nos cortes destas sondagens apresentam características semelhantes às descritas no "corte da estrada".

#### SONDAGEM 1

A sondagem 1 era a que se encontrava mais a Nascente, situada na extremidade mais baixa do segundo socalco da Horta do Paraíso, apresentando uma estratigrafia relativamente simples, marcada pelo arrasamento até à rocha de base, que se encontrava aparentemente regularizada, de toda a possível estratigrafia pré-histórica. O substrato geológico encontrava-se a menos de 1 m da superfície, sendo constituído essencialmente por gabros. Identificaram-se duas estruturas negativas: a U.E [30], no corte Sul, apresenta um perfil em U, muito aberto, tendo no seu enchimento materiais recentes, o que se deve relacionar com a ocupação contemporânea da horta (vala de implantação das laranjeiras?); e a U.E [34], no corte Norte, de perfil em U e fundo aplanado, com enchimentos caracterizados por terras cinzentas claras, algo compactas, semelhantes às registadas no interior das fossas do corte da estrada.

#### SONDAGEM 2

A sondagem 2, distante cerca de 20 m da anterior, distingue-se das restantes, porque o substrato geológico surgia a cerca de 0,20 m da superfície, não sendo detectados quaisquer dados de cariz arqueológico nos perfis, nem nas terras removidas.

### SONDAGEM 3 (figura 6)

A sondagem 3, a cerca de 20 m da anterior, é a que apresenta maior potência arqueológica, não se tendo atingido o substrato geológico.

A realidade identificada em ambos os cortes é substancialmente distinta, uma vez que no lado Sul os estratos são acastanhados, argilosos, compactos, com frequente cascalho e abundante pedra, enquanto que no lado Norte apresentam tonalidades acinzentadas, mais soltas, com a presença de algum barro cozido; no entanto, em ambos casos os estratos surgem tendencialmente horizontais e algo espessos, apresentando mais de 1m de potência estratigráfica conservada.

Esta espessa estratigrafia poderá implicar a presença de amplas estruturas, que imponham a criação de uma bacia de deposição estratigráfica que permita tamanha acumulação de estratos. A sua organização de modo relativamente horizontal torna dificilmente defensável a hipótese de estarem a preencher uma grande estrutura negativa, todavia, o substrato local é propiciador à presença de grandes estruturas escavadas no solo, como os fossos ou amplas fossas, se forem de grande dimensão e perfis relativamente abertos podem autorizar a formação de estratos horizontais no seu interior.

### SONDAGEM 4

Esta sondagem localiza-se na extremidade noroeste do socalco, a 50 m de distância da anterior. Os estratos pré-históricos praticamente não foram atingidos, surgindo apenas alguns indícios na base da estratigrafia de ambos os cortes, a mais de 2m de profundidade. Esta realidade deve resultar principalmente da acção de aterramento com vista à criação do socalco da horta e do sistema de drenagem de água para a rega, relacionando-se com a ocupação recente do sítio.

Este conjunto de sondagens reafirmou o elevado grau de imprevisibilidade do comportamento estratigráfico e arqueológico das realidades pré-históricas, devido à enorme modelação topográfica que a construção da horta implicou, o que dificulta uma leitura mais precisa do local.

### SECTOR II

Num segundo momento, fomos de novo chamados a intervir na área da Urbanização do Paraíso, no lado oposta da rua da horta homónima, na área que designamos por Sector II. Uma vez mais, já haviam sido realizados amplos movimentos de terra, com vista à regularização de um novo lote para urbanizar. Nesta fase, para além da limpeza e registo dos cortes resultantes das acções de destruição, realizaram-se duas sondagens mecânicas, numa área central, paralelas às fachadas dos edifícios, com uma orientação E – W, e cerca de 8 m de extensão por 1 m de largura, com vista à confirmação da presença de estratigrafia conservada.

### CORTE 1

O corte 1 situa-se no canto mais a Este do lote, tendo sido a área mais afectada pela movimentação de terras. Nos lados Norte e Este registou-se a presença de unidades estratigráficas de tonalidades acinzentadas claras e amareladas, arenosas, com alguns vestígios de barro cozido U.E. [1002], sob unidades mais escuras e argilosas, e duas estruturas negativas de perfil em “U” [1003] e [1014], que podem estar relacionadas.

#### SONDAGEM 1: CORTE NORTE (figura 7)

Na sondagem 1 optou-se apenas pela análise do corte Norte, tendo-se documentado estratigrafia arqueológica em toda a sua extensão. Esta apresentava unidades acinzentadas, algo arenosas, que preenchiam duas estruturas negativas, [1023], [1027], escavadas num sedimento arenoso, algo solto e amarelado, com poucas características arqueológicas, que no entanto sobreponha outras unidades com vestígios de barro cozido e artefactos, o que complexifica a compreensão das realidades documentadas. Na extremidade Oeste deste corte identificou-se um conjunto de pedras de calcário de pequena e média dimensão aparentemente estruturadas, [1013], que se parecem relacionar com outro conjunto pétreo, [1015], identificado na vala 2.

#### SONDAGEM 2: CORTE SUL

Os trabalhos nesta sondagem consistiram na limpeza do corte Sul e do plano de base da sondagem, uma vez que se identificou uma estrutura de pedras de calcário, irregulares, de pequeno e médio calibre, [1015] (v. Fig. 8), que parecia desenvolver-se de modo oblíquo ao corte da sondagem. Esta apresentava-se bastante espessa, podendo, eventualmente, estar relacionada, como já se afirmou, com o conjunto de pedras detectadas na sondagem 1, [1013]. No corte Sul identificaram-se unidades arqueológicas em que a presença de cerâmica estava claramente documentada, registando-se no seu lado Nascente a presença de um conjunto de pedras de pequena e média dimensão, que parecem constituir um reforço da estrutura [1015], sendo embalado por uma terra cinzenta, bastante argilosa e compacta.

#### CORTE 2

Este corte situava-se justamente na extremidade Sul da área afectada, pretendendo-se com a sua limpeza avaliar a conservação da estratigrafia arqueológica no limite Sul do lote, tendo-se definido para análise apenas um segmento com 3 m de largura, onde este se apresentava mais alto. Nesta mesma área surgiam à superfície, e parcialmente no corte, um conjunto de pedras de calcário de pequeno e médio calibre que, apesar de se encontrarem a uma cota mais alta, pareciam relacionar-se com a estrutura [1015], identificada na vala 2.

Esta breve intervenção no sector II permitiu confirmar a presença de ocupação pré-histórica nesta área, confirmando os indícios documentados à superfície e nos cortes anteriormente analisados.

Na realidade, pode-se hoje afirmar que, apesar das alterações profundas da topografia da antiga Horta e Quinta do Paraíso, ainda se encontra largamente preservada estratigrafia pré-histórica em ambas as áreas, sendo absolutamente urgente promover a protecção e salvaguarda da área restante deste grande povoado<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Encontra-se actualmente em fase de preparação uma primeira intervenção arqueológica de escavação, que irá incidir na área marginal do lote 4, de modo a obter-se uma maior percepção dos vestígios e sequências aí documentadas. Em reunião com o IGESPAR e os representantes da Câmara Municipal de Elvas, tida a 19/01/09, foi decidido um conjunto de medidas que promovessem a salvaguarda da informação arqueológica em futuras edificações no local.

## BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O CONJUNTO ARTEFACTUAL (figuras 10 e 11)

Os materiais analisados resultam de recolhas de superfície e da limpeza dos perfis das várias intervenções, sendo enquadrados estratigraficamente em escassas situações, no entanto, apenas existe alguma segurança em relação aos conjuntos provenientes das unidades de enchimento das estruturas negativas limpas no corte do Sector I.

A maioria dos recipientes cerâmicos identificados apresenta formas com base na esfera: taças e vasos, destacando-se a presença de taças com bordo simples, taças de bordo espessado e taças carenadas. As superfícies externas dos recipientes são alisadas, registando-se a presença de engobe vermelho no exterior e interior de uma das taças carenadas.

Contando apenas com materiais descontextualizados, não nos é possível alargar muito mais as observações, todavia, nota-se que as formas espessadas, com bordos de espessamento curto, mas também bastante largo, parecem dominar os conjuntos. Todavia, julgamos conveniente assinalar dois aspectos: que nas limpezas das fossas do Sector I, no corte da estrada, as formas carenadas foram bem documentadas, por vezes mesmo sem a presença de formas espessadas, que surgiam com frequência nos estratos superiores; por outro lado, no Sector II, apesar das recolhas significativas, dada a destruição dos estratos arqueológicos, não foram documentadas formas carenadas. Estes factores poderão revestir-se de algum contorno cronológico, enunciando processos de crescimento e transformação internos, já identificados em outros locais de grande dimensão, como San Blás (Hurtado, 2004) alguns quilómetros mais a Sul.

Os elementos de tear têm igualmente uma presença significativa no conjunto, ocorrendo nas duas formas típicas: placas rectangulares com quatro perfurações, e crescentes de dois tipos: achatados e de secção circular.

Os materiais líticos, principalmente a pedra polida, encontram-se melhor documentados no sector II, sendo os exemplares recolhidos machados e enxós, em anfibolito, de secção poligonal e polimento total e parcial, consoante os casos.

No Sector I, no corte da estrada e na sondagem 3, identificaram-se conjuntos de barro cozido com evidentes marcas em negativo do entramado vegetal de suporte, o que denuncia a presença de estruturas de cariz habitacional.

À superfície, nas imediações da sondagem 1 recolheu-se um fragmento de um ídolo cilíndrico e um pequeno recipiente em calcário, artefactos votivos relacionados com o mundo mágico-simbólico da península de Lisboa (Gonçalves, 2004), mas que se encontram igualmente bem documentados no contexto alto alentejano, caso dos Perdigões (Valera *et alii*, 2000, 95), Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 1988-89, 57) ou Pombal (Boaventura, 2001) estando também documentados em território extremeño (Enríquez Navascués, 1990). Em geral, estes artefactos votivos são tidos como característicos da primeira metade do III<sup>o</sup> milénio a.C., ainda que se prolonguem claramente pela segunda, enunciando a chegada de novos contextos simbólicos (Gonçalves, 2004, 98). Por outro lado, a sua presença pode sugerir a existência de uma estrutura funerária na área, ainda que não sejam desconhecidos das áreas habitacionais.

Embora sumário, e com todas as limitações interpretativas que a escassez ou mesmo ausência de contextos implica, o conjunto de materiais apresentado insere-se claramente entre os finais do

IV<sup>o</sup> milénio e as primeira metade do III<sup>o</sup> milénio a.C., sendo absolutamente impossível, de momento, precisar estas balizas cronológicas.

#### ENQUADRAMENTO REGIONAL

A região de Elvas, pela sua particular localização, no centro de um extenso corredor natural de ligação entre a foz do Tejo e as “Vegas” do Guadiana Médio, é essencialmente um território de fronteira, que lhe estimula a riqueza cultural.

Por outro lado, a dominância de férteis solos, e abundante água, tornam-na num espaço privilegiado de assentamento para as comunidades Humanas, e em particular as pré-históricas.

Nesta medida, o povoado do Paraíso pode dizer-se que se encontra no centro de uma das redes de povoamento do IV/III<sup>o</sup> milénio a.C mais extensamente escavada nos últimos 30 anos (figura 13).

Para Norte, nas imediações de Campo Maior, conhecem-se dois povoados genericamente seus contemporâneos, Cabeço do Cubo (Oliveira e Dias, 1982) e Santa Vitória (Dias, 1996), escavados em várias campanhas, mas infelizmente pouco ou nada publicados.

Em ambos os casos conhecem-se notícias da presença de estruturas negativas, principalmente do tipo silo ou fossas, tal como as documentadas no Paraíso. No caso de Santa Vitória, conhece-se um pouco melhor o urbanismo e as estruturas comunitárias, com a presença de fossos delimitadores da área ocupada, no interior da qual se detectaram várias fossas, algumas, por vezes, de grande dimensão. Este povoado é, certamente, o mais extensamente escavado e o que melhor permite aproximar-nos à estruturação do espaço habitado; todavia, a escassez de informação disponível, para além de interessantes infografias disponíveis no local, deixa pouca margem de análise para um sítio de extrema importância.

O povoado de Santa Vitória era dotado ao menos de duas linhas de fossos perimetrais serpenteantes, que abarcam uma área superior aos 0,5ha (figura 12, 3), mas cuja ocupação parece exceder os mesmos, implanta-se num cerro destacado, com boa defensibilidade especialmente para Nascente. A ocupação detectada parece centrar-se dentro da primeira metade do III<sup>o</sup> milénio a. C., ainda que se tenham documentado com clareza duas fases de ocupação, uma dotada de fossos e outra com estes já colmatados (Dias, 1996).

O Cabeço do Cubo, para além da notícia da sua identificação, pouco ou nada se conhece , ficando a sensação de podermos estar perante um sítio de excepcional interesse se atendermos à extraordinária peça publicada (Gonçalves, 1989, 455) como proveniente do local (figura 12, 4). Julgo relevante assinalar que este sítio se encontra imediatamente a Nascente do anterior, numa área mais baixa. Os escassos dados disponíveis parecem apontar para uma ocupação principalmente situada nos finais do IV<sup>o</sup> milénio, ainda que possa ter acompanhado a viragem para o milénio seguinte.

Ligeiramente mais a Oeste dos sítios anteriores localiza-se o Cabeço do Torrão, escavado e publicado há relativamente poucos anos (Lago e Albergaria, 2001). Esta corresponde a uma ocupação dotada de um fosso perimetral, que parece abarcar uma área em torno do 0,5ha, ainda que o espaço ocupado, atendendo à presença de fossas de perfil em “U” e funcionalidade diversa, dentro e fora da área delimitada por aquele, possa ter sido efectivamente superior. Esta

ocupação, atendendo ao conjunto artefactual, deverá ter-se desenvolvido algures entre os finais do IV<sup>o</sup> milénio a.C. e a viragem para o seguinte (Lago e Albergaria, 2001, 57).

Ligeiramente mais a Norte, no concelho de Arronches situa-se o povoado dos Moreiros, recentemente dado a conhecer (Boaventura, 2006) e que parece corresponder, uma vez mais, a um destes pequenos povoados dotado de fossos, instalado sobre ligeira elevação, algures na transição entre o IV<sup>o</sup> e III<sup>o</sup> milénio a.C.

Mais a Sul, e em área imediata ao povoado do Cabeço do Torrão, situa-se o clássico povoado de Fontalva, dado a conhecer por A. do Paço, O. Da Veiga Ferreira e A. Viana (1957) e do qual pouco se sabe, para além de se tratar de uma ocupação genericamente enquadrável no III<sup>o</sup> milénio a.C. Igualmente da labuta de Abel Viana, e colaboradores, tomámos conhecimento do povoado do Atalaião (Atalaia dos Sapateiros), situados escassos quilómetros a Oeste de Elvas, em destacada elevação (Viana e Deus, 1955); uma vez mais, pelas imagens disponíveis, poderemos assinalar que se trata de um povoado do III<sup>o</sup> milénio a.C., genericamente contemporâneo do Paraíso.

Continuando pouco mais de uma dezena de quilómetros para Sudoeste, por entre outras ocupações de menor entidade, pode-se referir o Castelo da Afeiteira, já no concelho de Vila Viçosa, tratando-se de uma ocupação instalada sobre destacada elevação, onde se evidenciam potentes taludes perimetrais, que deverão reflectir a presença de importantes estruturas de fortificação, que parecem delimitar uma área próxima a 1ha. A par deste, identificado recentemente (Calado, Mataloto e Rocha, em preparação), são conhecidos de há muito dois outros povoados, Famão e Aboboreira (Arnaud, 1971), o último dos quais certamente fortificado.

Junto da foz da Ribeira de Mures, em área plana e de férteis solos aluviais, escavou-se há cerca de uma década o povoado de Juromenha 1 (Calado e Rocha, 2007), que deverá corresponder a extensa ocupação dotada de um fosso serpenteante (figura 12, 5); o conjunto de dados reunidos permite apontar para uma cronologia claramente da segunda metade do IV<sup>o</sup> milénio a.C., provavelmente anterior ao povoado aqui apresentado. Do povoado de Juromenha 1 existem duas datas inéditas<sup>3</sup>, realizadas sobre restos faunísticos detectados no interior dos fossos, em níveis médios de enchimento. Estas apresentam exactamente o mesmo intervalo: 3370 – 3100 cal BC, situando com alguma clareza o processo de enchimento/abandono do fosso num momento anterior aos finais do IV<sup>o</sup> milénio a.C., algures nos inícios do último quartel. A baixela cerâmica é ainda totalmente dominada pelas formas lisas fundas e as taças carenadas, estando ausentes realidades que parecem surgir na viragem do milénio, como as formas espessadas e os elementos de tear.

Algo mais a Sul, mas igualmente na foz de uma importante ribeira, neste caso a Asseca, escavou-se um outro destes povoados, o Malhada das Mimosas (Calado, 2002), de dimensões aparentemente mais modestas, que, após uma primeira fase dotado de um pequeno fosso de perfil em V e planta aparentemente serpenteante, conhece uma outra ocupação aberta, onde

<sup>3</sup> (Wk 18487 - 4538± 32 e Wk 18488 - 4547± 35 cal BP); estas datações, ainda inéditas, foram gentilmente cedidas pelo Prof. Dr. Manuel Calado, director científico das intervenções e do estudo deste local, ao qual muito agradecemos.

aquele está já colmatado, que se deverá associar às primeiras centúrias do III<sup>o</sup> milénio, atendendo à presença de formas espessadas e pesos de tear placa.

Já fora do território nacional, mas absolutamente fronteira à Horta do Paraíso, conhece-se uma rede de instalações dos finais do IV<sup>o</sup> e inícios do III<sup>o</sup> milénio a. C. nas margens do Guadiana, na envolvente da cidade de Badajoz, distante escassos quilómetros entre si. São conhecidos os povoados de Santa Engrácia (Celestino, 1989), junto da foz do Gévora no Guadiana, El Lobo (Molina, 1980; Hurtado, 2008), na margem esquerda do Guadiana e Granja Céspedes (Celestino, 1989; Hurtado, 2008), localizado nas imediações da foz do Caia no Guadiana, instalados em áreas aplanadas junto de férteis solos agrícolas. Para além destes conhecem-se os povoados como La Alcazaba (Celestino, 1989), na alcáçova de Badajoz e Cerro de San Cristóbal, fronteiro ao anterior (Celestino, 1989). Os trabalhos desenvolvidos nos povoados de El Lobo e Granja Céspedes permitiram documentar a presença de fossos e várias fossas (Molina, 1980). Ainda que os trabalhos de escavação tivessem sido relativamente circunscritos, é claramente perceptível que estes deveriam ser povoados de pequena e média extensão, entre meio e 1ha (Enríquez Navascués, 1990).

Em termos cronológicos estes parecem estruturar-se diacronicamente, ainda que nem sempre seja clara a sequência. Santa Engrácia parece ser efectivamente o mais antigo, com uma presença cerâmica claramente dominada pelas taças carenadas (Celestino, 1989, 294), no entanto, no povoado vizinho de El Lobo estas assumem igualmente uma presença significativa, ainda que a presença de formas espessadas seja claramente mais notada (Molina, 1980, 104). Deste modo, estes povoados poderão ainda ter sido parcialmente contemporâneos ou, como o deixa entrever a convivência de taças carenadas e pratos de bordo espessado desde a base da estratigrafia de El Lobo, podem ter-se sucedido de imediato no tempo. Todavia, este povoado de El Lobo, atendendo ao seu conjunto de materiais parece não se ter prolongado muito além da viragem do milénio, sendo aparentemente sucedido pelo povoado da Granja de Céspedes, que deverá centrar a sua ocupação dentro da primeira metade do III<sup>o</sup> milénio a. C. (Hurtado, 2008, 186). Os restantes povoados de la Alcazaba e San Cristóbal são mais complexos de situar, ainda que o primeiro pareça ter um sequência que se prolonga entre os finais do IV e inícios do III<sup>o</sup> milénio a. C., enquanto que este último parece situar-se já nos finais deste milénio (Celestino, 1989, 322)

Esta leitura muito geral, em voo de pássaro, permite-nos observar a enorme densidade de sítios de alguma entidade sumariamente estudados nos arredores de Elvas, onde se localiza o povoado do Paraíso.

Na realidade, cremos que se pode claramente observar a efectiva complexidade diacrónica destas ocupações que parecem estruturar as malhas de povoamento entre a segunda metade do IV<sup>o</sup> milénio a.C. e a primeira metade do III<sup>o</sup> a.C.

Este terá sido um momento de intensa transformação e adaptação do território e da paisagem alentejana e extremeña, correspondendo efectivamente ao arranque de uma intensa produção agrícola, que se traduziu num enorme processo de modelação da paisagem.

A segunda metade do IV<sup>o</sup> milénio a. C. vê surgir os primeiros grandes aglomerados humanos, como Juromenha 1, certamente com vários hectares, delimitados por fossos serpenteantes, que parecem antecipar o “design” das estruturas de fortificação que iremos conhecer mais tarde. A

pressão gerada por estas instalações sobre o território, eventualmente ligada a uma importante expansão demográfica, fará surgir os primeiros indícios de tensão territorial, traduzidos na presença de estruturas de delimitação, os citados fossos, que deveriam estar acompanhados por muralhas de talude de terra e madeira.

Ainda antes da transição do milénio, ou acompanhando esta, talvez devido a factores directamente relacionados com estas tensões sociais e territoriais, as estruturas de povoamento parecem transformar-se profundamente, e povoados como Juromenha 1, Mimosas, Cabeço do Cubo ou Santa Engrácia são abandonados totalmente, ou conhecem forte retracção, para que outros, por vezes com estratégias semelhantes de implantação, mas maiores dimensões, surjam. Este caso está relativamente bem documentado no processo aparente de abandono do Cabeço do Cubo, implantado em área algo mais baixa, em favor do aparecimento nas suas imediações do povoado de Santa Vitória. Também o povoado do Castelo da Afeiteira parece surgir algo depois do de Juromenha e Mimosas, mas agora já numa ostensiva posição dominante, no cimo de destacada elevação. O caso de Santa Engrácia e de El Lobo, em Badajoz, é mais complexo de avaliar, na justa medida em que as estratégias de implantação se mantêm; todavia, neste caso, talvez a implantação do novo povoado, El Lobo, pretenda efectivamente uma maior proximidade e controlo da travessia do rio, junto à margem do qual se implanta. Esta localização parece ser igualmente algo efémera, parecendo sucumbir ainda antes dos meados do milénio, em favor do povoado de Granja de Céspedes (Celestino, 1989, 322), ou mesmo da fase II da Alcazaba.

Será este momento de remodelação profunda das estratégias de povoamento, na viragem do milénio, onde parece surgir o povoado do Paraíso. A sua dimensão e localização remetem-no para uma posição certamente destacada no contexto destas malhas de povoamento. Assim, ainda que deva ter surgido nos finais do IV<sup>o</sup> milénio a. C., parece perpetuar-se até bem dentro do milénio seguinte, jogando a sua posição ambivalente, ao implantar-se em posição destacada, mas dominando a planície fértil do Caia e Guadiana, de modo a assumir-se como um centro coordenador do povoamento na sua envolvente.

No entanto, a primeira metade do III<sup>o</sup> milénio a.C. não será uma época fácil, mas antes conturbada, de constante reajuste nas organizações territoriais, como ficou bem patente na constante sucessão de povoados documentada na envolvente da actual cidade de Badajoz, imediata ao sítio aqui em análise. Assim, e ainda que os dados disponíveis sejam escassos, dificilmente o povoado do Paraíso terá ultrapassado os meados do milénio, sendo, aparentemente, acometido em mais uma das grandes reestruturações do povoamento que parece acompanhar a dispersão das cerâmicas campaniformes.

A tensão territorial desta primeira metade do III<sup>o</sup> milénio a.C. traduzir-se-á, igualmente, na emergência de amplas estruturas de fortificação, instaladas em posição dominante, junto das principais ribeiras, caso dos povoados dos Castelos da Afeiteira ou da Aboboreira, deixando bem claro o seu posicionamento estratégico junto das principais linhas de águas, eventualmente conotáveis com as margens de territórios estruturados em torno de amplas comunidades instaladas junto dos solos mais férteis.

Na segunda metade do milénio, num momento onde o povoado do Paraíso parece já não estar activo, toda esta forma de estruturar o espaço parece desagregar-se, a par do que acontece com

muito dos povoados; todavia, subsistem ou surgem algumas ocupações, por vezes de pequenas dimensões e instaladas em cerros dominantes, caso do sítio da Terrugem, onde se documentou uma ocupação campaniforme (Mataloto, 2006), ou do cerro de San Cristóbal (Celestino, 1989, 322).

Redondo/Serpa, Janeiro 2009

## BIBLIOGRAFIA

- ARNAUD, J. (1971), "Os povoados Neo-eneolíticos de Famão e Aboboreira (Ciladas, Vila Viçosa), Notícia preliminar", *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, 199-221.
- BOAVENTURA, R. (2001), *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): uma recuperação possível de velhos e novos dados*, *Trabalhos de Arqueologia*, 20, Lisboa.
- BOAVENTURA, R. (2006), "Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do cluster de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9/2, 61 - 74
- CALADO, M. (1993), *Carta Arqueológica do Alandroal*, Alandroal.
- CALADO, M. (1995), *A região da serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento neolítico e calcolítico*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (edição policopiada).
- CALADO, M. (2000), "Neolitização e megalitismo no Alentejo Central: uma leitura espacial", *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, 35-45.
- CALADO, M. (2001), *Da serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional*, *Trabalhos de Arqueologia*, 19, Lisboa.
- CALADO, M. (2002), "Povoamento Pré e Proto-histórico da Margem Direita do Guadiana", *Al-Madan*, II/11, 122-127.
- CALADO, M. (2004), *Os Menires do Alentejo Central*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Edição policopiada).
- CALADO, M. e MATALOTO, R. (1998) *Relatório da escavação do povoado neolítico de Juromenha 1. IPA/EDIA*, Policopiado.
- CALADO, M. e MATALOTO, R. (2001), *Carta Arqueológica do Redondo*, Redondo.
- CALADO, M. e MATALOTO, R.; ROCHA, L., *Carta Arqueológica de Vila Viçosa*, em preparação.
- CALADO, M., MATALOTO, R. e, ROCHA, A. *O povoamento pré-histórico da margem direita do Regolfo de Alqueva*, em preparação.
- CALADO, M. e ROCHA, L. (2007), "As primeiras sociedades camponesas no Alentejo Central: a evolução do povoamento", *Los primeros campesinos de La Raya: Aportaciones recientes al conocimiento del neolítico y calcolítico en Extremadura y Alentejo* (E. Cerrillo y J. Valadés, Eds.), 29-46.
- CARDOSO, J.L. (2004a), "A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História regional", *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 12.
- CELESTINO, S. (1989), "El poblado calcolítico de Santa Engracia", *Revista de Estudios Extremeños*, 45/2, 281-326.
- DIAS, A.C. (1996), *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado calcolítico de Santa Vitória*, Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- GONÇALVES, V.S. (1988/89), "A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz)", *Portugália*, 9-10, 49-61.
- ENRIQUEZ NAVASCUÉS, J. J. (1990), *El calcolítico o Edad del Cobre de la Cuenca Extremeña del Guadiana: los poblados*, Badajoz.

- GONÇALVES, V.S. (1989), *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental, uma perspectiva integrada*, Lisboa.
- GONÇALVES, V.S. (1989c), "O povoado pré-histórico da Sala n.º1 (Pedrogão, Vidigueira): Notas sobre a campanha 1 (88)", *Portugália*, 8, 7-16.
- GONÇALVES, V.S. (1993), " A primeira metade do 3º milénio no Cento/Sul de Portugal. Algumas breves reflexões, enquanto outras não são possíveis", *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, IV*, Porto, 117-131.
- GONÇALVES, V.S. (2004), "Espaços construídos, símbolos e ritos da Morte das antigas sociedades camponesas no extremo Sul de Portugal: algumas reflexões sob a forma de sete qmf.", *Mainake*, 26, 89-114.
- HARRIS, E. C. (1991), *Princípios de estratigrafia arqueológica*, Barcelona.
- HURTADO, V. (1995), " Interpretación sobre la dinámica cultural en la Cuenca Media del Guadiana (IV-II Milenio A.N.E.)", *Extremadura Arqueológica*, V, 53-80.
- HURTADO, V. (2002), "Intervención Arqueológica en San Blas (Cheles, Badajoz)", *Al-Madan*, II/11, 206-212.
- HURTADO, V. (2003), "Fosos y fortificaciones entre el Guadiana y el Guadalquivir en el IIIº milénio a.C.: evidencias del registro arqueológico", *Recintos murados da Pré-História recente* (Jorge, S.O., Ed.), Porto, 241-268
- HURTADO, V. (2004), "El asentamiento fortificado de San Blas (Cheles, Badajoz)", *Trabajos de Prehistoria*, 61/1, 141-155.
- HURTADO, V. (2008), " Recintos con fosos de la cuenca media del Guadiana", *Era-Arqueologia*, 8, 182-197.
- LAGO, M., DUARTE, C., VALERA, A., ALBERGARIA, J., ALMEIDA, F., e CARVALHO, A.F. (1998), " O povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 1/1, 45-152.
- LAGO, M. e ALBERGARIA, J. (2001), "O Cabeço do Torrão (Elvas): Contextos e Interpretações prévias de um lugar do Neolítico alentejano", *Era-Arqueologia*, 4, 38 – 63
- MATALOTO, R. (2006), "Entre *Ferradeira* e *Montelavar*: um conjunto artefactual da Fundação Paes Teles (Ervedal, Avis)", *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9/2, 83-108.
- MOLINA, L. (1980), "El Poblado del Bronce I el Lobo (Badajoz)", *Noticiero Arqueologico Hispano*, 9, 93-127
- OLIVEIRA, J. e DIAS, A. C. (1982), "Povoado pré-histórico do Cabeço do Cubo – Campo Maior. Notícia da sua identificação", *Clio*, 4, 137-142.
- PAÇO, A., FERREIRA, O., e VIANA, A. (1957), "Antiguidades de Fontalva. Neo-eneolítico e época romana", *Zephyrus*, VIII, 111-133.
- SILVA, C.T. e SOARES, J. (1976-77), "Contribuição para o conhecimento dos Povoados Calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve", *Setúbal, II-III*, 179-272.
- SILVA, C.T. e SOARES, J. (1987), "O povoado fortificado calcolítico do Monte da Tumba. I - Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares) ", *Setúbal, VIII*, 29-79.
- SILVA, C.T. e SOARES, J. (2002), "Porto das Carretas: um povoado calcolítico fortificado do vale do Guadiana", *Al-Madan*, II-11, 176-180.

- VALERA, A., LAGO, M., DUARTE, C., e EVANGELISTA, L. (2000), "Ambientes funerários no Complexo arqueológico do Perdigões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo", *Era-Arqueologia*, 2, 84-105.
- VALERA, A. (2005), "A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão) dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio A.C.", *Era-Arqueologia*, 7, 136-210.
- VALERA, A.C. e FILIPE, I. (2004), "O povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo)", *Era-Arqueologia*, 6, 28-63.
- VIANA, A. e DEUS, A. Dias (1955), "Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XV/3-4, 8-54.